

PONTO DO BEIJU: UMA ENCRUZILHADA ESTÉTICO-POLÍTICA

Érico da Silva França (Pós-Crítica/UNEB)

Prof. Dr. Osmar Moreira dos Santos (Orientador/ Pós-Crítica/UNEB)

Resumo: O Ponto do Beiju é uma comunidade alagoinhense, localizada às margens da Rodovia Alagoinhas-Salvador, BR 110. Notabilizada pelos aromas, sabores e formas do beiju (de coco, maracujá, goiaba e molhado), a comunidade pontobeijuzense, promove prazer e felicidade a quem dela consome em Alagoinhas, Araçás, Feira de Santana, Dias D'Ávila e Salvador. A apreciação visual-auditiva-tato-olfativa-gustativa da iguaria pontobeijuzense proporciona o contato do degustador com as linguagens socioculturais da comunidade, uma vez que essa arte culinária manifesta seu modo de vida. Um “ritual antropofágico” também é estabelecido entre o apreciador do beiju e o artífice beijuzeiro. Este transfere – de maneira metafísica – a sua vida (sangue, suor, lágrimas, alegria, satisfação, angústia, medo...) no seu ritual produtivo, enquanto aquele a devora. Nesse sentido, produzir uma documentação memorialística dos saberes e fazeres do beiju, amparada na construção do conhecimento histórico e crítico-cultural, bem como nos métodos da pesquisa documental impressa e da pesquisa-ação, pode possibilitar o entendimento dos aspectos simbólicos e estéticos responsáveis pela formação e manutenção, permanências e ressignificações da cultura e linguagem da comunidade pontobeijuzense.

Palavras-chave: Aromas Sabores e formas. Beiju e beijuzeiros. Cultura. Linguagens e símbolos.

INTRODUÇÃO

Os modos de produção e a comercialização dos beijus, subprodutos da mandioca, fazem do Ponto do Beiju, a cerca de setenta anos, um considerável ícone cultural-gastronômico da cidade de Alagoinhas e de outras praças baianas, como Araçás, Dias D'Ávila, Feira de Santana e Salvador. Graças a homens e mulheres, artífices beijuzeiros, a comunidade pontobeijuzense formou-se e, ao longo dos anos, reinventou-se para continuar existindo como uma localidade beijuzeira.

Diante reinvenções e criações e das leituras e interpretações a respeito da comunidade alagoinhense, pergunta-se: quais foram os fatores culturais, sociais, políticos e econômicos responsáveis pelas transformações no modo de produção do beiju e do comércio na comunidade? Como reagiram/reagem os antigos e novos beijuzeiros diante das novas demandas produtivas e comerciais da comunidade? Houve/há políticas públicas responsáveis por orientar “criativamente” os beijuzeiros e comerciantes pontobeijuzenses? A comunidade pode ser inserida num contexto de entre-lugar, em que valores “externos-globais” são absorvidos e adaptados a realidade local?

Diante das questões supracitadas, produzir uma documentação de caráter memorialístico e crítico-cultural do Ponto do Beiju, tradicional comunidade de Alagoinhas-Bahia, destacando os modos de produção do beiju e, a partir dessa iguaria, considerada o sustentáculo pontobeijuzense, identificar os aspectos estéticos, simbólicos e linguísticos responsáveis pela formação e manutenção, permanências e ressignificações da comunidade alagoinhense é singularmente relevante.

POR QUE ESTUDAR O PONTO DO BEIJU?

Em novembro/dezembro de 2006, tecia o primeiro semestre de Licenciatura Plena em História, na Universidade do Estado da Bahia (Campus II), quando no componente curricular de Antropologia fora solicitado um trabalho de observação e descrição de espaços e/ou regiões considerados importantes no município de Alagoinhas-Bahia. O local escolhido foi a comunidade do beiju. Realizado o que fora solicitado na disciplina, prometi a alguns moradores retornar a comunidade e realizar um estudo ainda mais significativo, do que apenas observar e descrever o espaço e seus saberes e fazeres.

Durante o cursar da disciplina Estudos do Brasil Colônia: Poder, Economia e Sociedade, no segundo semestre da graduação, recordo-me de ter lido o texto Leituras Históricas dos 500 anos de José Oscar Beozzo. Nele, o autor estabelece uma leitura do Brasil, rompendo com a barreira dos quinhentos anos e recuperando a “memória” de mais de quarenta mil anos de história, abrangendo os povos indígenas que povoaram a terra – hoje – brasileira, domesticando plantas e animais, forjando uma grande diversidade de línguas e culturas.

Para Beozzo, três elementos traçaram o destino do Brasil: a terra, o trabalho e a mulher. Sobre o pilar mulher, a pesquisa foi idealizada, pois, apesar da herança materna (língua, cultura e religião) mostrar-se ameaçada, em virtude do projeto colonizador, mostrou-se tenaz e dura de ser removida. Isso se deu graças à cozinha, uma vez que “na cozinha e na parte traseira das casas, domínio das mulheres e crianças, continuavam reinando a língua tupi, a alimentação e os costumes indígenas” (BEOZZO, 1999, p. 147).

A leitura desse trecho provocou algumas indagações. Por que na cozinha continuavam reinando a língua e os costumes indígenas? A cozinha é um espaço de transmissão cultural? A culinária é um agente formador e perpetuador de cultura?. Também surgiu um enorme desejo de produzir uma documentação que tratasse do assunto relacionado à culinária ou cozinha como agente formador, transmissor e perpetuador de cultura.

Em 2008, houve uma seleção para Iniciação Científica da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e, o projeto que era apenas um sonho possível, mas bastante distante, nasceu e recebeu um nome: O Ponto do beiju: trabalho, cultura e memória da culinária em Alagoinhas. Ao invés de tratar apenas da cozinha ou culinária e cultura, recebeu novos componentes como trabalho e memória, além de um objetivo: produzir documentação memorialística dos saberes e fazeres relacionados à produção do beiju, considerada iguaria que sustenta a comunidade do tradicional e conhecido Ponto

do Beiju, situado nos arredores da cidade de Alagoinhas, através da história oral, enfatizando experiências culturais e de trabalho.

Nos dois anos seguintes, o trabalho sobre/na comunidade do beiju continuou a todo vapor. Em 2009, o projeto fora renovado, sob o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) e não mais do Programa de Iniciação Científica - PICIN/UNEB. Finalmente, em 2010, apresentei como resultado da pesquisa pontobeijuzense o meu estudo de caráter monográfico, concluindo o curso de Licenciatura Plena em História, de uma maneira impar e deliciosa.

No segundo semestre de 2014, candidatei-me (e passei na seleção) a uma vaga na Linha 1, Literatura, produção cultural e modos de vida no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), uma vez que sua área de concentração estabelece como ponto focal as pesquisas sobre língua, literatura e cultura, oral e escrita, transitáveis e configuráveis dentro de uma perspectiva interdisciplinar. Também problematiza as relações entre local e global, além de investigar os modos de vida como práticas sociais e estéticas contra-hegemônicas.

O PONTO DO BEIJU NUM CENÁRIO CRÍTICO-CULTURAL

Os Estudos Culturais ganharam grande notoriedade com Stuart Hall, que, por sua vez, possibilitou a construção de múltiplos discursos e numerosas histórias distintas, além de abranger um conjunto de formações e diferentes conjunturas, construídas por métodos e posicionamentos teóricos diferenciados, sempre acompanhados do que denomina-se de “ruído teórico”, como uma gama de “sentimentos negativos, discussões, ansiedades instáveis, e silêncios irados” (Hall, 2013, p. 221).

Embora possibilite o diálogo e o entrecruzamento com/de diferentes áreas do conhecimento, com suas teorias e métodos, os Estudos Culturais não podem ser reduzidos a um pluralismo desprovido de critérios. Nesse sentido, pode-se afirmar que os estudos de “estilo” cultural demonstram o desejo de conexão, ao mesmo tempo em que registram uma “tensão entre a recusa de se fechar o campo, de policiá-lo e, ao mesmo tempo, uma determinação de se definirem posicionamentos a favor de certos interesses e de defendê-los”. (HALL, 2013, p. 222).

Apesar de suas implicações, os Estudos Culturais, representam a possibilidade de diálogo – na leitura e interpretação referentes a comunidade pontobeijuzense – de áreas científica e métodos distintos. A pesquisa sobre a comunidade do beiju em Alagoinhas-Bahia amparara-se na construção do conhecimento histórico e crítico-cultura na área de Letras e, nos métodos da pesquisa documental impressa e da pesquisa-ação. Sobre o método de pesquisa documental escrita, é preciso

dizer que consiste no mapeamento, levantamento de fontes bibliográficas, documentais e iconográficas que teórico-metodologicamente confluam com temática estudada.

A Pesquisa-Ação, por sua vez, surge como um apoio essencial nesse processo construtivo, pois, possui como finalidade estabelecer mudanças, além de pressupor uma conscientização dos “investigados” como dos “investigadores”. Kurt Lewin, precursor da Pesquisa-Ação, baseava-se nos princípios da pesquisa de caráter experimental, embasada na intervenção terapêutica inspirada na psiquiatria, nos conceitos de globalidade e na relação dinâmica gestáltica, em que um artefato deve “ser apreendido na relação que mantém com outros objetos circunstantes, tendo como ideia-matriz a transformação do objeto estudado mediante a produção de um conhecimento (pesquisa) que regule o que fazer (ação)”.

De acordo com Barbier (2004), na realização da pesquisa-ação ou pesquisa-ação existencial, o trabalho confeccionado pelo pesquisador não é sobre os outros, mas com os outros. Para ele, os resultados apresentados a laboratórios ou órgãos públicos devem – a priori – ser discutidos com o grupo de pesquisa de campo e, se possível confeccionados coletivamente. “O trabalho de implicação do pesquisador em ação o conduz [...] a reconhecer sua parte fundamental na vida afetiva e imaginária de cada um na sociedade”. (BARBIER, 2007, p. 15).

Entretanto, ajuizar sobre a comunidade como uma região em Alagoinhas-Bahia, com elementos culturais pudicos, inalterados, sacros e genuínos, em que indivíduos – “tolos culturais” – organizam-se em suas roças, casas de farinha, fazem beijus e outros derivados da mandioca para o próprio consumo e/ou para o comércio na margem da rodovia Alagoinhas/Salvador, bem como para exportação de caráter intermunicipal é lidar com análises apenas superficiais e/ou até mesmo desprovidas de críticas.

Amparado nos estudos de Deleuze (1991), pode-se afirmar que o Ponto do Beiju assemelha-se a uma matéria, cuja textura constitui-se infinitamente porosa, esponjosa ou cavernosa, “sem vazio” e, sempre uma “caverna na caverna”. Nesse sentido, considera-se que cada elemento corpóreo – ainda que muito, muito, muito pequeno – possui suas especificidades e complexidades, sem que haja uma separabilidade.

Considera-se também que a comunidade alagoinhense remete-se a um rizoma, uma vez que a sua existência evoca sentidos como deslocamento, evasão e ruptura. Nesse sentido, a leitura e as interpretações referentes a comunidade alagoinhense relacionam-se não com o fixo e imutável, mas as conexões de “cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas de classes” (DELEUZE; GUTTARI, 1995, p. 5).

Um dos fatores responsáveis pelas transformações no processo produtivo do beiju, na comunidade alagoanhense, refere-se intimamente a uma ordem social e cultural em torno do capital, em que o conceito de “transformação cultural” está intimamente relacionado às “formas e práticas culturais [que] são expulsas do centro da vida popular e [são] ativamente marginalizadas”. (HALL, 2013, p. 274). Assim sendo, a reforma capital-modernizante estabelece o descarte ou ressignificação de práticas culturais e as transformações do povo, para o “seu próprio bem, é lógico”.

Entretanto, as modificações realizadas no âmbito da cultura popular, que por vezes estão atreladas aos valores e regras exógenas e capitalistas, não são – necessariamente – impostas, uma vez que os “populares” não são “tolos culturais”, ao contrário, são conscientes e notadamente capazes de verificar como as realidades são reorganizadas, reconstruídas e remodeladas pela maneira como são representadas.

A interpretação da cultura e dos modos de produção do beiju no Ponto do Beiju notabilizam-se pelas tensões e oposições entre o que pertence e o que não pertence ao domínio da cultura dominante e da cultura local. Por exemplo, o quitute confeccionado da massa de mandioca (beiju), considerado a maior expressão identitária da comunidade alagoanhense, fora inserido numa dinâmica do capital, uma vez que para continuar existindo os saberes e fazeres relacionados a sua confecção foram recriados várias vezes.

É preciso destacar que o capitalismo é um modo de produção baseado no individualismo, na propriedade privada, na exploração da mão-de-obra e na competição, em que os que satisfazem os consumidores são os vencedores, enquanto os que não conseguem suprir os desejos “materiais e espirituais” da sua clientela estão fadados ao alijamento ou desaparecimento dentro da “seleção natural capitalista”. Muitos artífices do beiju que não se adequaram/adequam as inovações e técnicas criativas baseadas nos modos de produção capitalista tiveram/tem suas produções reduzidas ou deixaram/deixam de produzir a iguaria da mandioca.

Segundo Hall (2013), as alterações culturais propostas pela cultura dominante não agem sobre o povo como se o mesmo fosse uma tela em branco. Porém,

[...] “elas invadem e retrabalham as contradições internas dos sentimentos e percepções das classes dominadas; elas, sim, encontram ou abrem um espaço de reconhecimento naqueles que a elas respondem. A dominação cultural tem efeitos concretos – mesmo que estes não sejam todo-poderosos ou todo-abrangentes”. (Idem, p. 282).

A análise da comunidade pontobeijuzense, de acordo com os métodos estabelecidos pelas ciências naturais, onde os fatos são reduzidos a “pura essência” de caráter quantitativo e tratados com “certezas” pré-formuladas em “laboratórios científicos” é, no mínimo, negligenciar as

transformações histórico-culturais experimentadas pela comunidade, aceitando-se sem crítica a sua essência, sua estrutura e suas leis. É necessário “deletar” o caráter imutável dos fatos, submetendo-os a um tratamento histórico-dialético, em que a interpretação dos mesmos evade da superfície e da existência real em direção ao núcleo interior e essencial (LUKÁCS, 2003).

As multiplicidades pontobeijuzenses não se reportam a dicotomia presente na relação existente entre sujeito e objeto, mas com determinações, grandezas e dimensões que alteraram/alteram/alterarão as estruturas de modos de produção e funcionamento da comunidade do beiju. Assim sendo, pode-se afirmar que “as multiplicidades [no Ponto do Beiju] se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 6).

Dessa maneira, a comunidade alagoinhense, lida e interpretada por meio de um rizoma, pode compreender linhas de segmentaridade ou desterritorialização. Dessa maneira, pode ser estratificada, territorializada, organizada, mas também pode sofrer rupturas e, a partir disso, traçar linhas de fuga, confeccionar novas possibilidades, que o dualismo e/ou a dicotomia, por sua vez, não dariam conta.

É preciso ressaltar que os termos “leitura” e “interpretação” empregados nessa excitante e deliciosa escrita, corroboram também com a visão e sentido utilizados por Derrida. Para ele, leitura é responsável por desvendar as mensagens contidas no texto, vislumbrando o que oculto está. Já a interpretação refere-se a confecção de um tecido a partir dos fios retirados de outros “tecidos-textos” (SANTIAGO, 1976, p. 51-54).

A pesquisa na comunidade pontobeijuzense, numa perspectiva da Crítica Cultural precisa e deve retirar da comunidade os fios responsáveis dos aspectos culturais e os modos de produção do beiju para produzir a *différance*, ou seja, um “feixe de diferentes linhas de significados ou de forças, podendo sempre aliciar outras, constituindo uma rede cuja tessitura será impossível interromper ou nela traçar uma margem”. (Idem, p. 22).

CONCLUSÕES

O estudo a respeito da comunidade alagoinhense do Ponto do Beiju justifica-se porque projeta algumas possibilidades de problemáticas a serem desbravadas, lidas e interpretadas nos campos da historiografia e da crítica cultural a respeito dos modos de produção local, dada a importância do tema para os Estudos Culturais de comunidades suplantadas pela história e cultura hegemônicas,

compondo, assim, um potencial para aprofundar a história das minorias e das comunidades periféricas, através dos modos de produção, da estética, dos símbolos e das linguagens.

É preciso destacar que a comunidade alagoinhense é notadamente marcada por especificidades e complexidades. Configura-se num entrelugar, local marcado por realinhamentos e agitações ideológicas, onde o global e o regional se conectam e divergem, proporcionando as “misturas culturais”, ao mesmo tempo, em que os conceitos de unidade, pureza e autenticidade são questionados, eclodindo um “terceiro tipo de construção identitária”, assinalada por tensões, novos sentidos e “novas e vivas identidades” e, onde o “mundo moderno, homogêneo e coerente vai ceder lugar a um universo pós-moderno, fragmentado, heterogêneo e imprevisível”. (HAUCIAU, p. 6, 2005).

REFERÊNCIAS

- BARBIER, René. *A Pesquisa-Ação*. Trad. Lucie Didio. Brasília: Líber Livro Editora, 2007.
- BEOZZO, José Oscar. *Leituras Históricas dos 500 anos*. Margem/Faculdade de Ciências da PUC-SP/FAPESP. n. 10. (dez. 1999). São Paulo: EDUC, 1999.
- DELEUZE, Gilles. *A dobra: Leibniz e o barroco*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. Campinas, SP: Papiрус, 1991.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- FRANÇA, Érico da Silva. *O Ponto do Beiju: trabalho, cultura e memória da culinária em Alagoinhas*. Alagoinhas-Bahia: Universidade do Estado da Bahia (UNEB), 2010.
- HAUCIAU, Nubia Jacques. O entre-lugar. In: Figueiredo, E. *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: Editora UFJF/Niterói: EdUFF, 2005.
- HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidade e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. Estudos culturais e seu legado teórico. In: HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidade e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- LUKÁCS, Georg. O que é marxismo ortodoxo?, In: *História e consciência de classe: estudos sobre dialética marxista*. Trad. Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- SANTIAGO, Silvano. *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.
- SITES <http://www.poscritica.uneb.br/?page_id=34>

